

AS NOSSAS MISSÕES DIPLOMÁTICAS DESCANÇANDO DO CAVACO COM BISMARCK

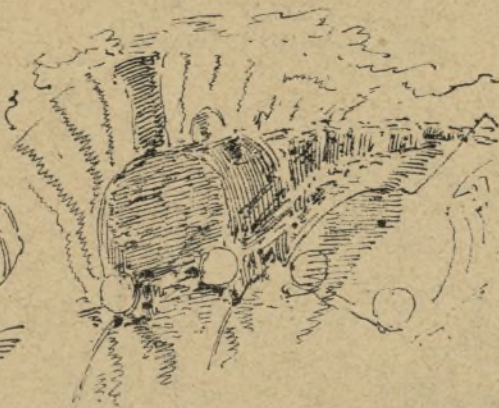
Canotier de la Seine



Zé povinho que aprenda como os nossos diplomatas tratam os assumptos d'honra — a quinze libras por dia..

**J'avais mon ponpon
En rev'nant de Suresnes,
Tout le long de la Seine
Sentais que j'étais rond.**

PELO ESTRANGEIRO



Saímos de Lisboa sobraçando uma fraca bagagem, mas levando, em compensação, uma forte catarrheira.

A sineta tange, os amigos abraçam-nos, a locomotiva

assobia e os trêmeliques principiam. Bem se vê que a linha não está segura...

Violentemente sacudidos da direita para a esquerda e da esquerda para a direita vamos alastrando,



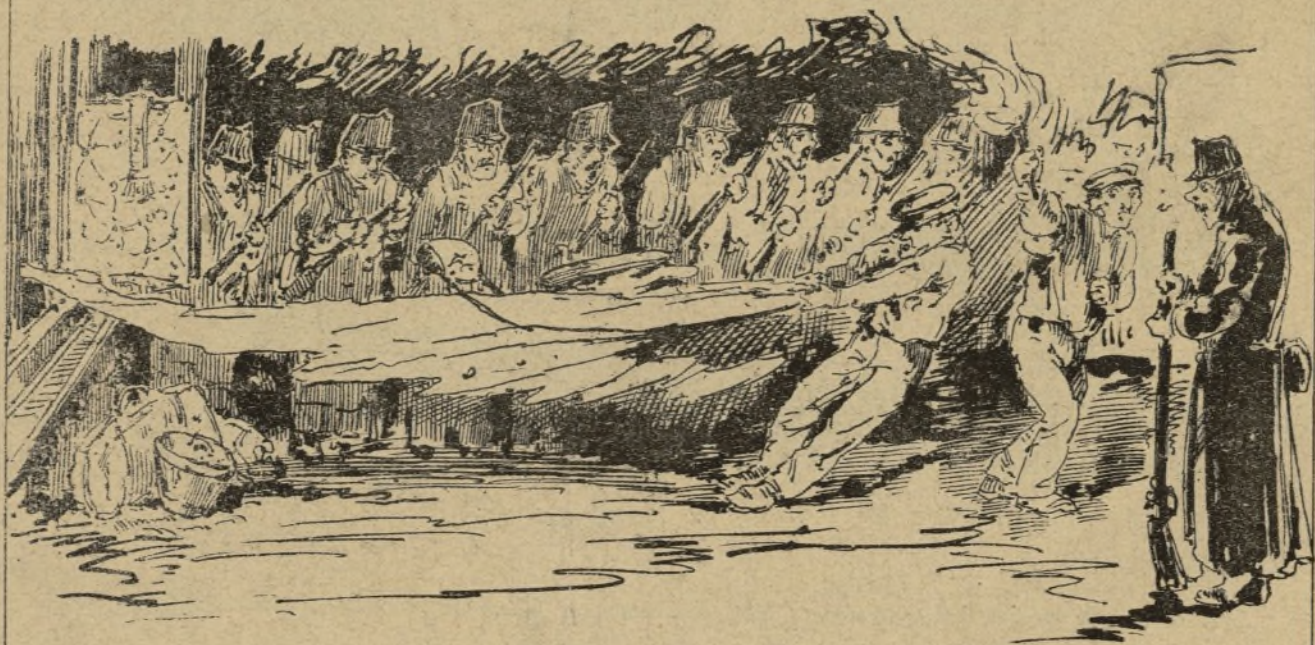
alastrando,



alastrando,



alastrando,



ao ponto de podermos ser servidos em prato aos ferozes sanitarios de Marvão!



Marvão! onde, a pretexto de desinfecção, se inutilisaram os cascos de vinho de Bordeus, e onde o furor pela desinfecção é tal que chegam a desinfecção os proprios desinfectantes!

Marvão! o terrível carcere inquisitorial que nos custou tão caro e que faz rir a Europa inteira, com excepção do commercio, que chora lagrimas de ouro!

Marvão! onde os cantores Andrades iam perdendo as suas vozes deliciosas, nós o nosso lapis, e onde Judic perdeu talvez cinquenta por cento do seu espirito e do seu pó de arroz!



Marvão! onde se usa d'este processo para fazer entrar no wagon os passageiros do comboio de Hespanha!



Porque é preciso que se saiba que a inimitavel artista que Lisboa acaba de ter o prazer de applaudir e que nós admiramos em Madrid, no Divorsons; essa mulher deliciosa, de cuja bocca entre-aberta rescendem aromas sua-

THEATRO DE S. CARLOS



A *Dinorah*, magistralmente cantada, sobretudo por Sparapani e Zina Dalty, apresentou-se este anno in'eirinha e entregada, tal como o seu papá Meyerbeer a deu á luz, sendo para estranhar que essa opera não fosse agora cortada, quando é certo que de dia para dia os cortes entre nós vão estendendo-se mais em moda...

vissimos como d'um thuribulo oriental; Judic foi posta ao fumeiro em Marvão, como um chouriço de Arraiolos e defumada d'alcatrão como uma enfermaria de cholericos!



A sublime artista, que trazia na sua bagagem um elegante chapéu, d'aquelles que Paris adoptou agora por moda, com a denominação de *chapéu microbio* — porque aos francezes tudo serve para pretexto de moda — a sublime artista teve a ventura suprema de conseguir passar aos direitos a preciosa candonga do seu caprichoso chapéu, porque, se o dá ao manifesto, se em Marvão descobrem que o tal chapéu era um *microbio*, embora de palha de Italia, não era decerto Lisboa que veria o *Divorsons...*



Em Madrid tivemos o prazer de abraçar o nosso bom amigo Eloy Perillan y Buscó, redactor da BROMA e auctor de grande numero de peças representadas em todos os theatros de Madrid.



Em Paris fomos retratados por um *deseñador* que ganha a sua vida fazendo a troco de dois francos a caricatura dos forasteiros que teem a ingenuidade de se querer ver pintados.

Eis o nosso retrato, tal como elle o fez e os assistentes acharam muito parecido...

Guardamos cuidadosamente o precioso papel, maldizendo a ideia que tivemos de nos ver retratados, porque, se até o presente os lenços já eram poucos para limparmos o pingão do nariz, como chegarão agora para limpar as lagrimas com que choramos os nossos queridos dois francos!



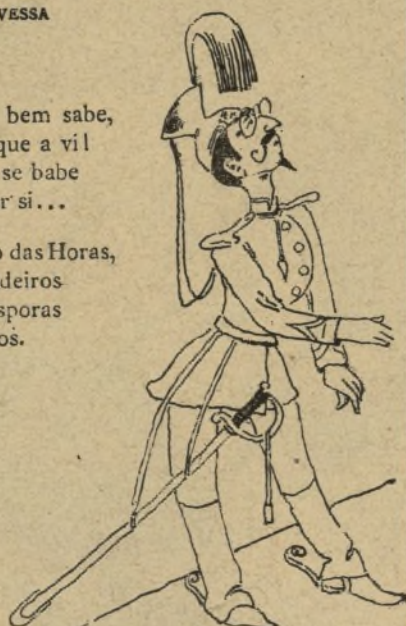
CHRONICA DO AMOR

DO LADO DA TRAVESSA

Ella:

— Amo-a, Christina! bem sabe,
Desde a tal noite em que a vi!
Não ha d'amor quem se babe
Como eu me babo por si...

— Qual sobre um livro das Horas,
Juro-lhe amor's verdadeiros
Sobre estas brancas esporas
De capitão de lanceiros.



Ella:

— Pensando em ti, me concentro
Horas sem fim, Honorato!
... Mas, senti bulha lá dentro...
Vou vêr... talvez seja o gato...

DO LADO DA RUA

Elle:

— Meu qu'rido bem! meu amor
Por quem eu ardo e fumego!
Quem dera já que o prior
Nos de p'ra sempre o no cego...

— Uma vez ambos casados
Ninguém mais tal nó desata...
Juro-o p'los cachos doirados
De capitão de fragata!



Ella:

— Tambem d'amor se debulha
Meu peito que se escavaca!
...Mas, vou lá dentro...ouvi bulha...
É que anda solta a maçaca...

O capitão de lanceiros:

— Co'o teu Carochô gastaste
Mais tempo de que tu julgas...
Inda bem que enfim voltaste,
Que eu estava fervendo em pulgas...

O capitão de fragata:

— Enquanto ella não regressa,
Aproveito este minuto
E vou n'um prompto á travessa,
Accender o meu charuto...



Ella:

— Temos o caldo entornado
E é preciso mudar d'ares,
Pois não quiz o negro fado
Casar-me com militares!...

— E, pois que o fado tyranno
Me recusa um capitão,
Vou conversar co'o paizano
P'ra a janella do saguão...

PAN.



Illustrado por Fernando Pinheiro

A REFORMA DO EXERCITO



O caro Fontes, transformado em Figaro do exercito, acaba de fazer barrella ás bochechas dos porta-machados, deitando-lhes abaixo aquellas respeitaveis barbas, que, durante longos annos, foram por egual o receptaculo das caricias das cosinheiras e do caldo de feijão branco.

Era agora bem boa occasião de aproveitar tanta barba disponivel para caracterisar de ponto em branco os judeus do Bom Jesus de Braga...